



CAPITÃO STALLAIKEN

Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva do 52º Batalhão de Infantaria de Selva na Operação CORE 24.

AÇÕES DA COMPANHIA PIONEIRA NA OPERAÇÃO CORE 24 – EXPERIÊNCIAS E ENSINAMENTOS

A seleção e o preparo de uma Subunidade (SU) para participar do exercício (Exc) CORE no biênio 2023/2024 ficaram a cargo da 23ª Brigada de Infantaria de Selva (23ª Bda Inf Sl), integrante da Força de Emprego Estratégico do Exército Brasileiro (EB). A 1ª Companhia

de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz Sl) do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), foi a SU designada para tal Exc. A preparação da 1ª Cia Fuz Sl, Companhia Pioneira ou SU CORE, teve início em março de 2023, com o Exc Munduruku I. Além deste, mais cinco exercícios foram realizados antes do CORE 23. E, em 2024, outros três Exc foram conduzidos como parte da preparação para o CORE 24. Nesse sentido, conforme comentado pelo General de Brigada Eduardo da Veiga Cabral, em entrevista ao Centro de Comunicação Social do Exército, muitos foram os avanços na parte de planejamento no Exc CORE, pois pôde “observar um avanço muito grande na parte de planejamento, do estudo e da consciência situacional, na integração de todas as funções de combate e, sobretudo, na parte de comando e controle, no apoio de fogo, na integração e na interoperabilidade com as demais tropas norte-americanas” (VEIGA, 2024).



Fig 1 - SU CORE durante o exercício MUNDURUKU IX

Fonte: 23ª Bda Inf Sl.

A integração com as tropas norte-americanas da 101ª Divisão Aerotransportada (101 ABN DIV, na sigla em inglês) durante o CORE 23 e o intenso treinamento dos brasileiros possibilitaram à Cia Pioneira vivenciar experiências muito além do realismo e da quantidade de meios empregados durante o Exc CORE 24, as quais merecem

ser abordadas ao longo deste artigo. Assim, o propósito deste trabalho é citar algumas dessas experiências, destacando os principais aspectos que confirmam a validade de Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) ou indicam possíveis aprimoramentos na Doutrina Militar Terrestre (DMT) brasileira.

A quarta edição do Exc CORE se desenvolveu de 5 de agosto a 3 de setembro de 2024, no *Joint Readiness Training Center* (JRTC) ou Centro Conjunto de Treinamento de Prontidão (tradução nossa), no Fort Johnson, Louisiana - EUA. O

evento envolveu a 2ª Brigada da 101 ABN DIV, uma Companhia do Exército dos Estados Unidos Mexicanos e a SU brasileira, esta enquadrada no 1º Batalhão do 26º Regimento de Infantaria (1/26IN, na sigla em inglês) da Bda.

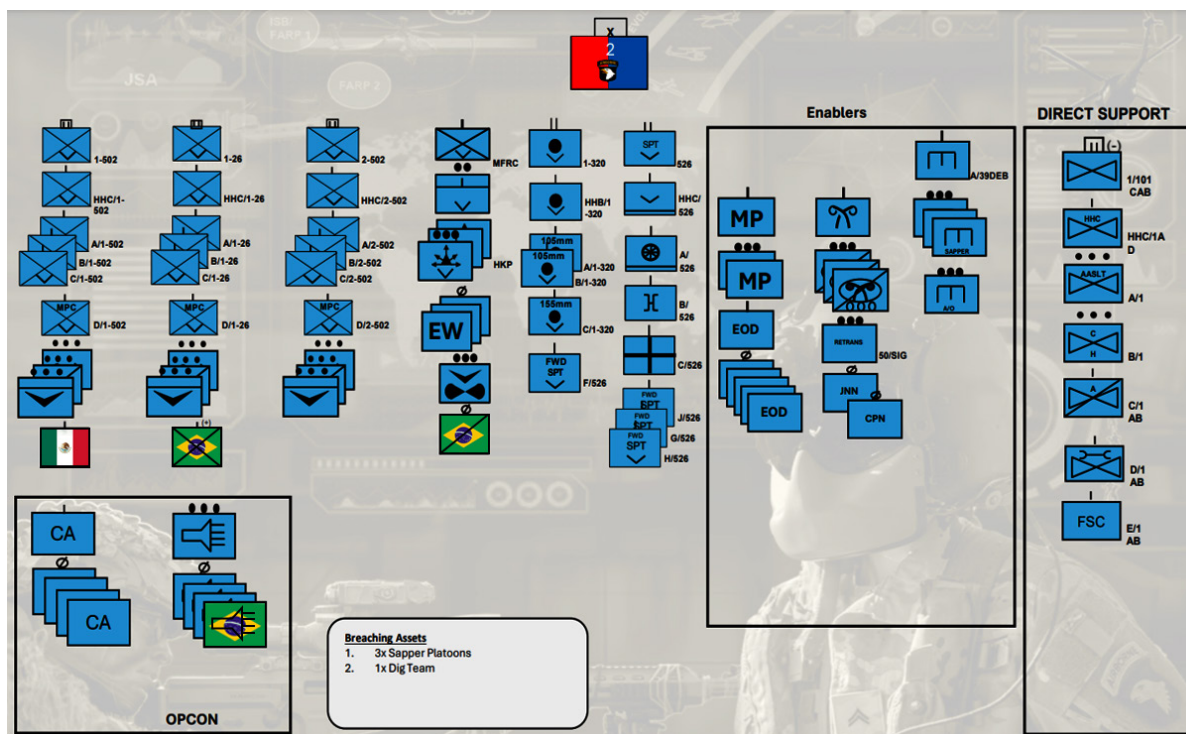


Fig 2 - Organograma da 2ª Brigada da 101 ABN DIV durante o exercício CORE 24

Fonte: *Briefing* de Análise da Missão da 2ª Brigada da 101 ABN DIV.

Nesse contexto, as tropas que integraram a rotação 2024-10 – o Exercício CORE 24 – tiveram como foco realizar um assalto aeromóvel de longo alcance e de larga escala. Para isso, o planejamento e a condução das operações foram divididos em quatro fases: concentração estratégica, Exc de dupla ação (embates), Exc de tiro real (*Live Fire Exercise* - LFX) e reversão dos meios.

PRIMEIRA FASE – CONCENTRAÇÃO ESTRATÉGICA

A primeira das quatro fases iniciou em 05 de agosto de 2024, com a chegada dos militares brasileiros ao aeroporto de desembarque (APOD, na sigla em inglês), estabelecido no Aeroporto de Alexandria – Louisiana, onde foram acomodados em um alojamento temporário utilizado como base para o início das ações táticas.

A ênfase desse período de 10 dias se consubstanciou na integração da SU brasileira ao 1/26 IN, por meio dos planejamentos, *briefings*, ensaios e adaptações às Normas Gerais de Ação do Exc, às viaturas e às aeronaves empregadas.



Fig 3 e 4 - SU CORE durante ensaios e adaptação às viaturas no APOD

Fonte: o autor.

Para viabilizar a execução dessa fase inicial, a Companhia CORE recebeu um Oficial de Ligação do 1/26 IN e uma equipe da 1ª Brigada da Força de Segurança e Assistência (SFAB, na sigla em inglês), chefiada pelo Major FONTANA, do Exército dos Estados Unidos da América (EEUA), presentes em todas as atividades. Conforme bem explica o oficial, em entrevista concedida ao portal

da Força Terrestre dos Estados Unidos:

“Nosso trabalho é identificar as lacunas e deficiências, não apenas na unidade brasileira, mas também na 101 ABN DIV. Com essa interoperabilidade, sabemos onde estamos para progredir no futuro e, se qualquer conflito começar, poderemos realmente nos unir e criar uma grande força conjunta” (FONTANA, 2024, tradução nossa).



Fig 5 - Reunião para ajustes na Matriz de Sincronização: estreitando laços e eliminando lacunas para obter a máxima eficiência operacional. Em primeiro plano, a partir da esquerda: o Cmt SU CORE, Major EEUA Fontana, Cmt Destacamento de Engenharia e o Observador Avançado de Artilharia

Fonte: SPC Phyleicia-Nicole Dais.

Nessa primeira fase, que simula uma concentração de meios, a SU brasileira vivenciou uma redução escalonada do conforto, como por exemplo, a mudança gradual na alimentação das refeições quentes para as rações operacionais à proporção que se aproximava o dia de entrada “em combate”. Além disso, experimentou um aumento de medidas de segurança e preparação ao combate, como o recolhimento dos aparelhos celulares. Essas ações facilitaram a “entrada em situação”, conduzindo o subconsciente e o foco da tropa de maneira gradativa para o interior do Teatro de Operações (TO) ao evitar distrações externas. Esse aspecto foi observado positivamente pelos comandantes de fração, e foi constatado que também poderia ser adotado pelas direções dos exercícios no terreno realizados pelo EB, como forma de reproduzir uma concentração de meios.

SEGUNDA FASE - Exc DE DUPLA AÇÃO

Como afirmou o *Staff Sgt* Douglas, da SFAB:

“Este exercício bilateral é mais do que

apenas um treinamento, ele representa um avanço significativo na relação militar entre os EUA e o Brasil. O Exército Brasileiro traz capacidades únicas que complementam as do Exército dos EUA, tornando esta parceria crucial para futuras operações na região” (DOUGLAS, 2024).

A fase dos embates pode ser compreendida em três ações bem claras:

- a. a ofensiva inicial, com um assalto aeromóvel para a conquista e manutenção de uma zona de lançamento (15 a 18 de agosto);
- b. o estabelecimento de uma posição defensiva com a preparação de uma área de engajamento (19 e 20 de agosto);
- c. um segundo assalto aeromóvel para participar da conquista de uma localidade valor batalhão (20 a 22 de agosto).

O assalto aeromóvel que assinalou o início das operações contou com o emprego de aeronaves AH-64 (*Apache*), UH-60 (*Black Hawk*) e CH-47 (*Chinook*), seguido de uma infiltração a

pé de 6km para conquista e manutenção de uma localidade. Tal assalto enfatizou a importância de um aspecto, o fator surpresa, já que ocorreu em período noturno ou *Period of Darkness* (POD, na sigla em inglês).

Todos os planejamentos realizados pela força adestrada contemplavam ações de maior vulto para serem realizadas apenas em horas noturnas. No restante do dia, as ações se limitavam às medidas administrativas e à manutenção das posições que foram conquistadas sob a escuridão.

Para viabilizar esse emprego noturno, duas necessidades se destacam, a primeira diz respeito à dotação de material optrônico por toda a tropa. O contingente brasileiro esteve aprestado com excelentes materiais optrônicos, tanto de visão noturna como termal, os quais foram empregados no adestramento antes de embarcar para os EUA. Esse fato possibilitou uma perfeita integração e sincronia nas ações noturnas com a tropa norte-americana que empregava o mesmo equipamento.

Com relação ao segundo requisito, atenção especial deve ser dada ao aprimoramento de instrução noturna. Durante sua preparação, a SU brasileira contemplou em seus planos de adestramento diversos tempos de instrução teóricos e práticos noturnos. Ao desembarcar em solo estadunidense, durante a primeira fase, realizou ensaios noturnos exaustiva e diariamente, refinando ainda mais a desenvoltura no emprego dos meios de visão noturna. Mesmo assim, ao entrar na fase dos embates, os comandantes de fração sentiram a necessidade de treinar ainda mais o combate noturno. Depreendeu-se que isso se deve ao fato de tudo ser revisto sob a perspectiva do emprego sob total escuridão. Assim, todas as TTP são realizadas de maneira adaptada, desde uma simples sinalização de cômodo limpo durante um ataque à localidade até uma identificação de tropa amiga ao realizar uma ligação com elementos vizinhos. Tudo é conformado à escuridão. Verifica-se, portanto, como aspecto crucial, a necessidade de intensificação da instrução noturna.

A liberdade de manobra da Força Oponente (FOROP) do Exc, somada à quantidade de meios empregados, como Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) e mísseis *Javelin*, e à experimentação doutrinária de elementos de combate com emprego da Viatura de Grupo de Combate (ISV¹, na sigla em inglês), criou um



Fig 6 - Aeronaves do EEUA durante Assalto
Aeromóvel noturno

Fonte: Centro de Comunicação Social do Exército.

ambiente dinâmico de problemas militares simulados sem precedentes. Esse ineditismo forçou os integrantes da SU CORE a criarem soluções para as quais não havia uma resposta pronta ou um gabarito. O sucesso da tropa brasileira demonstra, dessa forma, que o nosso programa de adestramento tem fornecido ferramentas adequadas à evolução do combate.

A dependência tecnológica dos Materiais de Emprego Militar (MEM) foi outro aspecto observado e que merece ser citado. A despeito do avanço dos meios à disposição, a manobra da força adestrada norte-americana foi significativamente impactada quando a FOROP desencadeou ataques eletrônicos e cibernéticos. Por outro lado, a pouca eficácia desses ataques contra as ações da tropa brasileira foi atribuída à proficiência nos meios tradicionais, como a orientação carta-terreno e utilização da bússola, e à não dependência aos meios tecnológicos pela SU CORE. E isso não passou despercebido pelos atentos olhos dos observadores e militares norte-americanos mais experientes, soando como um alerta preocupante em face da cegueira situacional advinda da extrema dependência tecnológica. Constatou-se, portanto, que o adestramento brasileiro relativo ao emprego dos meios analógicos é importante e deve ser continuado, uma vez que apresenta como resultado uma tropa capaz de operar mesmo quando em ambientes sob ataques eletrônicos ou cibernéticos.

¹Para maiores informações sobre o veículo ISV, pode ser acessado o website do Exército dos Estados Unidos da América no link: https://www.army.mil/article/265471/infantry_squad_vehicle_program_approved_for_full_rate_production.



Fig 7 - Militares da Força Oponente conhecida como Batalhão Gerônimo durante o Exc CORE 2024

Fonte: 101 ABN DIV.



Fig 8 - Viatura de Grupo de Combate sendo experimentada durante o Exc CORE 24

Fonte: 101 ABN DIV.

As tarefas desempenhadas exigiram conhecimentos relativos à organização do terreno, ao emprego de obstáculos, ao apoio de fogo direto e indireto, às atividades de reunião com lideranças locais, à defesa anti-SARP, bem como ao contato com a mídia e população locais. A SU CORE demonstrou adestramento, prontidão, coesão e entrosamento com as funções de combate. Além de ter se apresentado totalmente integrada à tropa norte-americana, conforme citado na Análise Pós-Ação (APA) do Exc. Desse modo, o resultado positivo reforça que o programa de adestramento brasileiro está desempenhando muito bem o seu papel.

Porém, é interessante ressaltar que, embora todas as ações desempenhadas tenham sido um sucesso do ponto de vista militar, alguns aperfeiçoamentos são necessários na preparação das próximas tropas que forem participar dos Exc CORE. O dinamismo das ações na linha de frente, a vasta e crescente

quantidade de meios empregados no combate e a necessidade de atualização da consciência situacional em proveito do escalão superior ressaltam a importância do soldado como vetor de inteligência e seu papel como desencadeador do fluxo de informações. Faz-se necessário, portanto, citar um aspecto como oportunidade de melhoria: a intensificação da instrução de inteligência e o desenvolvimento da mentalidade dos constantes reportes de inteligência e logística, em todos os níveis. Tal incremento proverá uma tropa com capacidade de suprir o escalão superior com informações mais oportunas e com maior precisão.

Durante a preparação do contingente brasileiro, as equipes dos Centros de Adestramento Leste e Sul conduziram suas APA de maneira similar ao que foi realizado no JRTC. Em solo norte-americano, todas as ações foram analisadas por uma equipe de Observadores e Controladores de Adestramento

(OCA) composta por brasileiros e norte-americanos que emitiram seus *feedbacks* durante as APA realizadas após o início de cada uma das três interrupções do exercício (pausas táticas). As discussões táticas, realizadas quase que em tempo real, proveram à tropa adestrada e aos OCA um laboratório de reflexão a fim de

aprimorar as ações mediante a identificação das oportunidades de melhoria. A convergência das metodologias de condução das críticas construtivas adotadas pelas equipes do Brasil e dos EUA criou uma simbiose que resultou uma equipe OCA perfeitamente integrada com reflexos positivos na força adestrada.



Fig 9 - APA conduzida pelo Cap Wright, OCA do EEUA: observações oportunas nas pausas táticas para reforçar acertos e corrigir rumos

Fonte: o autor.

A constatação do *Staff Sgt Douglas* comprova o bom desempenho do contingente brasileiro:

“Os líderes da 2ª Brigada perceberam uma diferença marcante nos aspectos táticos da companhia do Exército Brasileiro em comparação com outros parceiros multinacionais” (DOUGLAS, 2024).

TERCEIRA FASE - EXERCÍCIO DE TIRO REAL (*LIVE FIRE EXERCISE – LFX*)

De acordo com o Caderno de Instrução *Exercício de Tiro Real de Fração*, EB70-CI-11.486, o Exercício de Tiro Real (ETR) é um exercício tático de ataque que envolve, fundamentalmente, o planejamento tático do Comandante de Subunidade (Cmt SU) e dos Comandantes de Pelotão. O principal ponto de observação acerca do planejamento do Cmt SU para esse tipo de exercício, além da manobra em si, é a determinação das medidas de coordenação e controle para a execução do fogo e movimento (setores de tiro, linhas de controle, regimes de tiro, execução de apoio de fogo etc), baseada em dados técnicos precisos. Essa determinação tem a finalidade de garantir a eficiência da ação ofensiva e evitar fratricídios.

Do mesmo modo, o Manual do EEUA TC 7-9, *Infantry Live Fire Training*, cita

que os objetivos do exercício de tiro real incluem integrar todos os sistemas de armas (orgânicos e recebidos); evitar uma “mentalidade de estande de tiro”; treinar comandos de tiro, medidas de coordenação e controle de fogo; e treinar a conservação de munição.

Durante o ETR do Exc CORE 24, ocorrido de 23 a 26 de agosto, foram realizadas quatro principais atividades: normas de comando e reconhecimentos, validação dos armamentos, execução da manobra tática com munição de festim e o exercício de tiro com munição real. Essa sequência corresponde à prevista nos ETR realizados pelo EB.

A manobra tática desenvolvida pela SU CORE consistiu na ultrapassagem de uma SU norte-americana, seguida de um ataque em uma localidade nível SU. Dessa forma, com o avanço coberto por fogos de munição real de artilharia 155mm e 105mm e de morteiros 120mm e 81mm, a SU CORE conquistou o objetivo empregando seus fogos orgânicos. A tropa brasileira conquistou seu objetivo desencadeando disparos reais com os fuzis de cada combatente e apoiada por fogos de Morteiros 60mm, Canhões Sem Recuo 84mm Carl Gustaf, Metralhadoras 7,62mm MINIMI e MAG, como também de Lançadores de Granadas 40mm.



Fig 10 - Militares da SU CORE executam o ataque em uma localidade com emprego de munição real: segurança e realismo nas ações

Fonte: Centro de Comunicação Social do Exército.

Assim, fica nítido que as doutrinas brasileira e norte-americana possuem pontos de contato que facilitaram a interoperabilidade, o que favorece a atuação combinada em futuras operações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sistema de Preparo e o Sistema de Prontidão Operacional do Exército estão ganhando com a CORE, porque nós estamos comparando, aprendendo, compartilhando problemas com um exército que tem uma doutrina muito parecida com a nossa (NOVAES, 2024).

Embora intangível, é indiscutível o valor agregado ao nível de adestramento das tropas por meio da integração entre os Exércitos e à projeção de poder militar.

Desde o primeiro contato entre a tropa norte-americana e a da 23ª Bda Inf SI, durante o Exc CORE 23, muito conhecimento foi e continua sendo compartilhado, importado e incrementado às TTP de ambos os Exércitos.

A similaridade de doutrinas possibilitou uma indubitável e tenaz integração militar entre Brasil-EUA, cooperando com o incremento da interoperabilidade das funções de combate.

Das experiências auferidas no Exc CORE, pode-se constatar que os programas de adestramento do EB; a condução de APA em momento oportuno; o emprego de meios convencionais, sem descolar-se da evolução

tecnológica dos MEM; e as medidas de coordenação e controle para a realização do ETR são aspectos que favorecem o desempenho operacional da tropa.

A realização de assaltos aeromóveis em períodos de escuridão; a dotação da tropa com meios de visão noturna; o aumento do adestramento do soldado para operar à noite; a intensificação da instrução de inteligência; e o desenvolvimento da mentalidade sobre emitir frequentes reportes de inteligência e logística, com vistas à consciência situacional do Esc Sup, foram algumas das oportunidades de melhoria identificadas com reflexos na evolução da DMT.

A atuação da SU CORE – observada por toda a 2ª Brigada da 101 ABN DIV e acompanhada de perto pelas equipes da SFAB e dos OCA – esteve alicerçada em três pilares: comprometimento em bem representar o país internacionalmente, liderança dos comandantes de fração e valor do soldado brasileiro. Essa projeção internacional do EB pode ser ratificada com as palavras do chefe da equipe da SFAB, Major FONTANA: “Eles são um dos mais inteligentes, mais preparados fisicamente e mais profissionais com quem já trabalhei em 17 anos”.

Desse modo, conclui-se que a participação das tropas brasileiras no Exc CORE é uma experiência fundamental para confirmar a excelência do **Sistema de Prontidão Operacional** do Exército Brasileiro e em muito contribui para a estratégia de dissuasão do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. EB70-CI-11.486: **Exercício de Tiro Real de Fração**. Edição Experimental. Brasília, DF. 2024.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Operação aumenta prontidão, operacionalidade e interoperabilidade do Exército Brasileiro - Notícias - Exército Brasileiro**. Disponível em: < <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>>. Acesso em: 24 de set. de 2024.

DOUGLAS, B. **1st SFAB Army Advisors, Brazilian Forces strengthen bonds during combined training event with famed 101st Airborne Division**. Disponível em: <https://www.army.mil/article/279890/1st_sfab_army_advisors_brazilian_forces_strengthen_bonds_during_combined_training_event_with_famed_101st_airborne_division>. Acesso em: 24 de set. de 2024.

FONTANA, Joseph. **1st SFAB Army Advisors, Brazilian Forces strengthen bonds during combined training event with famed 101st Airborne Division**. Entrevista concedida ao Portal Oficial da Força Terrestre dos Estados Unidos. 20 de set de 2024. Disponível em: https://www.army.mil/article/279890/1st_sfab_army_advisors_brazilian_forces_strengthen_bonds_during_combined_training_event_with_famed_101st_airborne_division. Acesso em: 24 de set de 2024.

HEADQUARTERS. **TC 7-9 – INFANTRY LIVE-FIRE TRAINING**. Washington-DC:Department of the Army, 2014.

NOVAES, André Luis Miranda. **Operação CORE 24**. Entrevista concedida ao Centro de Comunicação Social do Exército. 20 de set de 2024. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>. Acesso em: 24 de set. de 2024.

VEIGA, Eduardo Cabral. **Operação CORE 24**. Entrevista concedida ao Centro de Comunicação Social do Exército. 20 de set de 2024. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/w/core-24-aumenta-prontidao-operacionalidade-e-interoperabilidade-do-exercito-brasileiro>. Acesso em: 24 de set. de 2024.

SOBRE O AUTOR

O Capitão de Infantaria CAIO VITOR STALLAIKEN CABRAL LIMA é o Comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva, do 52º Batalhão de Infantaria de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2013, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Concluiu o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2022. Participou do Exercício CORE 23 como Oficial de Operações da FT 52º BIS. Participou do *Leaders Training Program* (LTP), no JRTC, em maio de 2024. Participou do Exercício CORE 24 como Comandante da SU CORE. (stallaiken.caio@eb.mil.br).